

(GT- 5. Gênero, Sexualidade e Religiões)

Recriando imaginários pornográficos: uma compreensão das performances latinas e dissidentes na pós-pornografia

Maria Julia Ferretti¹

INTRODUÇÃO

Como Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Cênicas na Universidade Estadual de Londrina, desenvolvi em 2024 a pesquisa teórica e prática: *Brincar, Gozar e Afrontar: performances monstruosas na pós-pornografia*. Para a escrita da monografia, iniciei ressaltando a importância do meu envolvimento com a obra *Teoria King Kong (2016)*, de Virginie Despentes e depois articulo a ideia que tenho de performance como um lugar de provocação, junto aos estudos de Diana Taylor.

Ao refletir sobre o termo pós-pornografia, aproximo-me da perspectiva de Éri Sarmet, como uma ruptura epistemológica e política contra a pornografia tradicional. Apresento o movimento pornoterrorista de Diana J. Torres por meio do livro *Pornoterrorismo (2010)*, destacando o seu caráter enfrentativo ao comentar sobre suas reverberações na América Latina, a partir do diálogo com os trabalhos de Nadia Granados e Bruna Kury, que, por sua vez, recriam outros imaginários pornográficos, questionando e denunciando o sistema normativo, bem como perpetuando novas formas de prazer.

Ao chegar nessa compreensão das performances pós-pornográficas latinas e dissidentes, pude criar a discussão junto a características monstruosas e de afronta, incorporadas pelos atuantes do pós-porn, como um meio para reafirmarem suas existências. Por fim, partindo dessa afetação e relação com os performers, desenvolvi um processo investigativo e experimental, ao criar um grupo de estudos porn que tinha como intuito a produção de autopornografias.

1. APRESENTAÇÃO

¹ Graduada em artes cênicas pela Universidade Estadual de Londrina, mariajuliaferretti305@gmail.com

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Faço a abertura do texto pelo envolvimento com a obra *Teoria King Kong* (2016) da autora cis Virginie Despentes, por estimular uma subversão da minha sexualidade. Diálogo com as discussões que Virginie trás ao longo dos capítulos, no qual partem de sua livre trajetória de vida para questionar os padrões da boa moça que foram cobrados a sua corpa, pois se apropriando da sua sexualidade e viralidade passou a se entender, como alguém muito “mais desejante do que desejada” (Despentes, 2016, p. 9). Destaco o seu encontro com a gorila King Kong que a faz relacionar a fera com as vivências dissidentes, no sentido de poder ressignificar a sua existência à margem sem precisar se corrigir para agradar à norma. Ao entender que, Kong é um ser híbrido que não segue binariedades a associa com a figura do Ciborgue, construída pelos estudos da pesquisadora cis Donna J. Haraway em *Manifesto Ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX* (2009). O que me faz imaginar o Ciborgue como uma criatura pós-gênero e King Kong a pré-gênero, e que ambas driblam a norma e afirmam suas existências em um mundo que deseja destruí-las.

Parto dessa afetação com essas figuras monstruosas, para comentar da minha trajetória artística nas práticas performativas. Passo a entender o lugar da performance como provocação e me alio ao estudo da pesquisadora mexicana cis Diana Taylor, que a pensa como um ato retido que se distingue e interfere no cotidiano quando adquire uma lógica própria. Em *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas* (2013) ela vai lidar com a performance enquanto um comportamento expressivo capaz de repassar adiante a memória cultural nas Américas, e assim, uso de sua metodologia: do repertório que aparece no arquivo, considerando as características de ambas as instâncias atuando juntas, para acessar os trabalhos performáticos selecionados.

2. PÓS-PORNO e PORNOTERRORISMO

Para conceituar o movimento da pós-pornografia que surge entre os anos de 1980 no meio artístico, trago a perspectiva do pesquisador e cineasta trans Éri Sarmet que em sua dissertação *Sin porno no hay posporno”:Corpo, Excesso e Ambivalência na América Latina* (2015) a coloca como uma ruptura epistemológica e política, do

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

qual corpos dissidentes irão produzir suas próprias pornografias subvertendo o imaginário pornográfico, capturando os seus códigos narrativos e estéticos do pornô tradicional. Ao localizar o pós-pornô na América Latina, o visualiza como estratégia de choque e deboche das convenções sociais e, principalmente, das normas de gênero e sexualidade.

Ao frisar um entendimento sobre as produções pós-pornográficas latinas chego até o movimento pornoterrorista da performer espanhola cis Diana J. Torres, e ressaltando o seu caráter enfrentativo comento acerca das suas possíveis reverberações na América Latina. Em 2001, durante a sua trajetória artística, Diana teve a intenção de juntar o pornô e o terrorismo, isto é, criou práticas explorando a sexualidade a partir do lugar da coragem e do enfrentamento e causando um certo terror à norma, ao fundar o pornoterrorismo. No seu livro *Pornoterrorismo (2010)*, ela comenta que faz da sexualidade uma arma contra tudo que a oprime e seus atos pornoterroristas vão carregar muito de uma explosão visceral intrínseca a ela.

O que dialoga com o movimento pornoterrorista é a concepção de contrassexualidade que o autor e filósofo trans Paul B. Preciado vai pensar em seu *Manifesto Contrassexual (2000)*, a partir de práticas sexuais subversivas dentro de um modelo utópico de sociedade que entende a sexualidade como tecnologia. O modelo vai seguir a desnaturalização, por exemplo, das noções de gênero, sexo e procriação, e promover a sexualização corporal em sua totalidade, ao parodiar os códigos normativos.

Destaco o efeito de excitar e chocar em Diana, para comentar dessa reverberações do seu movimento nos trabalhos de alguns artistas latinos, que assim como ela usam da performance como uma forma para divulgar novas formas de prazer e de denúncia política. Por conta disso, dialogarei com as performances de duas artistas sudacas² que incorporam o pornoterrorismo em suas práticas.

A primeira é a artista colombiana trans, Nadia Granados que realiza um trabalho performativo entre o seu corpo e as tecnologias multimídias na deriva da

² Nessa reapropriação ortográfica, o termo sudaca, que originalmente se refere às pessoas da América do Sul como uma expressão depreciativa, assume, nas escritas dissidentes, um sentido de empoderamento. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sudaca>

arte, do ativismo e da pornografia. Constrói uma personagem chamada La Fulminante para performar estereótipos de gênero sexualmente provocativos das mulheres latino-americanas e debochar do ideal de beleza branco imposto culturalmente. Com isso, questiona os clichês da sexualidade e da sensualidade com a mistura do obsceno e do grotesco para abordar temas em relação ao Estado, violência e machismo. É ao recriar uma página pornô para ser o site oficial de sua persona, que Nadia produz vídeos em que age de forma extremamente irônica e cômica, ao mesmo tempo que se posiciona politicamente. Opto por dialogar com alguns de seus trabalhos, sempre destacando o seu jogo de fingimento que usa de artimanhas para atacar discursos de poder, e assim, faz da sua arte de guerrilha erótica uma arma de manipular a própria imagem, usando das contradições que ela mesma cria para debochar na cara do sistema³.

A segunda é uma artista brasileira e travesti, Bruna Kury possui produções que dialogam com a arte da sexualidade contemporânea e desenvolvem através de um pós-pornô interseccional o trabalho de (re)existência, ao questionar uma colonialidade histórica do cotidiano. De acordo com Kury (2021), os usos do corpo, objetos e instalações permitem conversar com as temáticas da fronteira geográfica e corporais do narcotráfico, da necropolítica, da prostituição, do corpo migrante, das racialidades e da transgeneridade, por isso trabalha com as próteses. Entre suas obras, acabo por discutir com a produção pornoterrorista do seu Projeto Pornôpirata em que apropria dos meios que pornografia habita para popularizar o pós-pornô, ao mostrar formas de descondicar o prazer. Seleciono a performance *Escorpiônika*, no qual Bruna se masturba com um cabo de uma faca, visto que concretiza os objetos como ramificações da prática com performance, em que há mudança de função quando são incorporados ao corpo e depois se transformam em totens ou mandalas, símbolos sagrados profanos.

Dessa forma, tais obras me permitiram a pensar em formas tanto de confrontar esse imaginário limitado e reinventar a sexualidade, quanto de se atingir outras corporalidades. Proponho a discussão de que as características monstruosas (ironia,

³ “o cis de cisgênero, palavra criada para localizar pessoas não trans. Fazendo referência com a nomenclatura, cis-tema fala do sistema social centrado na heterocissexualidade compulsória, algumas dissidências chamam de heteroland.” (Kury, 2021, p.14)

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

senso de humor etc.) das figuras de King Kong e do Ciborgue vão ser incorporadas pelas/os/es artistas não normativos como uma forma de reagirem à heteronorma⁴, afirmando suas dissidências.

3. AUTOPORNOGRAFIAS

Pontuo que, partindo dessa afetação e relação com as performers trazidas, surgiu um questionamento pessoal de como poderia produzir uma pornografia autogerida. Uma forma que encontrei de investigar foi formar um grupo de estudos porn, que pudesse, por meio de uma prática coletiva, desenvolver um processo experimental de criação de autopornografias. Buscamos ter um entendimento sobre o nosso erótico, o que ampliou a percepção de nossa corporalidade e a maneira como desejávamos.

Um dos pontos que gostaria de destacar dessas experimentações é que encontramos no amadorismo uma identificação. Com baixo orçamento para custear tudo e usando de maneira estratégica as nossas câmeras de celulares e objetos improvisados, conseguimos aos poucos desenvolver nossas ideias e brincar com possibilidades criativas, mostrando que existem muitas maneiras de se fazer pornografias simples e livres das imposições mercantis

Ao comentar acerca de minha prática, vejo que ter feito do erótico algo divertido e de encontro com a comicidade, paródia e profanação, as transformou em minhas potências de trabalho. Encontrei na escrita uma forma de ser provocativa e passei a construir uma afronta ao cristianismo que permeou todo o meu trabalho. Foi profanando imagens e palavras que toquei nas feridas da Igreja e parodiei a liturgia. Com vídeos engraçadinhos, joguei com a minha monstruosidade, e seu humor me levou a debochar de imagens e profanar/bagunçar símbolos religiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ “à heteronormatividade, ou seja, a norma que se cunha nos corpos a fim de torná-los homens ou mulheres, femininos ou masculinos, heterossexuais ou homossexuais, ativos ou passivos e assim por diante, tendo sempre como modelo de cunhagem a diferença sexual como modo de agir e de subjugar um corpo a outro “(Lobo, 2016, p.3)

Ao olhar criticamente por esse trajeto que tracei em meus estudos, como, a partir da afetação com as reflexões de Virginie Despentes, se abriu um processo de encontro com a minha dissidência e de redescoberta/subversão da sexualidade. Sinto que iniciei com esse trabalho uma possível compreensão das performances pós-pornográficas dissidentes no contexto da América Latina, a partir dos trabalhos selecionados. Ao me identificar com suas linguagens, tons, estéticas e táticas de guerrilha, que se concentram em encontrar outras corporalidades e a usar estrategicamente o deboche e erotismo para criar outros imaginários pornográficos, reconheço o desejo de querer continuar com essa pesquisa, e me aprofundar melhor em suas complexidades e desdobramentos. Além disso, outro ponto importante foi ter encontrado através de um processo coletivo no grupo de estudos porn, minhas maneiras de produzir pornografia.

REFERÊNCIAS

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo, N-1 Edições. 2016.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia, feminismo-socialista no final do século X**. 2009.

KURY, Bruna, SAURA, Mogli. **A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade**. São Paulo: feira livre, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Zahar, 2000.

SARMET, Erí. **“SIN PORNO NO HAY POSPORNO”**: Corpo, Excesso e Ambivalência na América Latina. Dissertação (Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2015.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Editora Ufmg, 2013.

TORRES, Diana. **Pornoterrorismo**. Tafalla: Txalaparta, 2011.

LOBO, Rafael Haddock. **Preciado e o pensamento da contrassexualidade (uma prótese de introdução)**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v.9 nº 2, p. 77-92, 2016.